

A ARTE É MENSAGEIRA DO SAGRADO

Mônica Lima e Souza

Nossos ancestrais africanos, submetidos à travessia nas rotas da escravidão, carregaram o seu sagrado impresso nos seus corpos, nas suas memórias e força vital. O universo espiritual de matriz africana no Brasil tem heranças de muitas origens. As divindades de muitas áfricas, trazidas de diferentes partes do continente, se reconheceram na diáspora. E, nos territórios das Américas Negras, se encontraram, não apenas entre si, mas com os espíritos e deuses da floresta, do mundo indígena. Dialogaram com o catolicismo popular do culto aos santos e às almas dos que partiram. Foi esse sagrado que permitiu a sobrevivência na dor, que protegeu, que forjou solidariedades e que, mesmo em condições adversas, fez celebrar a vida.

Conhecer e reconhecer essa história e a importância das religiões de matriz africana nos processos de resistência e afirmação na diáspora, é olhar este passado a partir do protagonismo e da capacidade de criação - não apenas dos que sobreviveram, mas dos que pereceram e, desde outro plano da vida, participaram dessa luta. Portanto: aos pretos novos, nossa eterna gratidão.

E de onde vem essa força?

Nas sociedades africanas de nossos antepassados, tudo é permeado pelo sagrado. Da fabricação de objetos de uso diário, dos gestos cotidianos nos afazeres domésticos e na produção da sobrevivência, cada movimento encontra-se conectado com as forças do mundo espiritual. A paisagem que se observa, o rio que corre, o vento nas folhas das árvores, o calor do sol, a chuva e o cheiro da terra molhada – são portadores de mensagens dos deuses e espíritos.

A arte se encontra, portanto, totalmente articulada ao universo das divindades e entidades protetoras. É produzida a partir dessas forças e em sua homenagem. É uma manifestação do mundo não material, traduzida em beleza, em questionamento, em demarcação de identidade. A arte é mensageira do sagrado.

A artista, quando incorpora essa ancestralidade, se torna também mensageira. E não apenas traz - mas traduz, interpreta, intervém. Essa passagem do que se recebe para o que se cria envolve entrega, esforço e muita responsabilidade. Envolve diálogo com quem dialoga, com aqueles com quem se comunica, os quais não representa, mas se propõe a apresentar com toda sua inteireza. O compromisso amoroso na produção da sua obra, em respeito a tudo que pode aprender, ver e perceber, com elas e eles, é um dos eixos que fundamenta sua arte.

Ao produzir uma arte que reverencia o universo do sagrado de matriz africana, o que se está fazendo é dizer um não explícito à violência, à profunda desigualdade social, ao extermínio da população negra, à intolerância e ao racismo. Trata-se de uma arte engajada, que respeita seus mortos, e que os celebra, porque sabe que a vida é povoada pela força de seus espíritos. Dessa forma, a artista convoca a força vital que nos permitirá enfrentar as adversidades e a desesperança. Que a arte nos dê coragem, pois a liberdade é forjada na luta.

Texto escrito para a exposição CACHIMBA da artista Luanda no MUHCAB - Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira em 2022.

Mini biografia da autora Monica Lima e Souza

Professora de História da África, do Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) e do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PPGEH) do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH-UFRJ). Coordenadora do Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA) no IH-UFRJ. Tem longa experiência docente, atuando desde 1992 com ensino de história da África, da diáspora africana e dos africanos no Brasil, em cursos de graduação e pós-graduação. Realizou pesquisas em arquivos e centros de documentação na África, na Europa e no Brasil. Ministrou conferências e publicou artigos, no Brasil e no exterior, sobre história da África, da diáspora africana e ensino de história da África e dos africanos no Brasil. Editora científica da área de Ciências Humanas da revista Ciência Hoje. Foi professora de História na Educação Básica na rede pública estadual do Rio de Janeiro e no Colégio de Aplicação da UFRJ (1984-2010), tendo ocupado nessa instituição cargos de direção na área de formação de professores. Coordenou a pesquisa na área de História no grupo técnico que redigiu o dossiê de candidatura do Cais do Valongo a Patrimônio Mundial e foi consultora do projeto de Museu de Território na Pequena África para o Instituto de História e Cultura Afro-brasileira (IHCAB).